

**EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO DAS MATRIZES AFRO BRASILEIRAS E
INDÍGENAS EM UMA TURMA 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Cintya Vitória da Silva¹

UERN - *Campus* Avançado de Pau dos Ferros

cintyavitoria@alu.uern.br

Maria Clara Alves da Costa²

UERN - *Campus* Avançado de Pau dos Ferros

maria20230034698@alu.uern.br

Maria Risele de Oliveira Silva³

UERN - *Campus* Avançado de Pau dos Ferros

Maria20230035050@uern.br

Noemia Camila Silva Cabral⁴

UERN - *Campus* Avançado de Pau dos Ferros

noemiacamil123@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta as experiências do Estágio Supervisionado II realizado em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, desenvolvendo práticas pedagógicas voltadas à valorização das matrizes culturais indígena e afro-brasileira, em consonância com as orientações legais brasileiras e com a BNCC, que assegura a abordagem dessas identidades na

formação escolar. A proposta fundamentou-se em autores como Paulo Freire, que defende a educação como prática de diálogo e humanização, e Vygotsky, ao compreender a aprendizagem como processo social e culturalmente mediado. A escolha dos temas se relaciona à necessidade de romper com práticas eurocêntricas ainda presentes nas escolas e promover o reconhecimento das identidades historicamente silenciadas como Oliveira e Candau (2010).

Além disso, o estágio assumiu papel central na formação profissional, entendendo-o como um momento de aproximação consciente entre teoria e prática. Pimenta (2005) destaca que o estágio não deve ser reduzido à mera observação do cotidiano escolar, mas compreendido como espaço investigativo, reflexivo e transformador, no qual o professor em formação analisa criticamente o contexto, toma decisões pedagógicas fundamentadas e ressignifica sua própria prática. Assim, as atividades desenvolvidas buscaram integrar estudo teórico, análise da realidade, intervenção e reflexão permanente sobre os resultados alcançados.

Nesse contexto, foram desenvolvidas sequências didáticas estruturadas a partir da literatura infantil, rodas de conversa, diálogos mediadores e oficinas práticas, abordando inicialmente a cultura indígena e, posteriormente, a cultura afro-brasileira, por meio da leitura das obras *O Tupi que Você Fala* e *Bruna e a Galinha d'Angola* e de uma atividade bingo das imagens e artística inspirada nos símbolos Adinkra, compreendidos como forma de escrita simbólica, memória cultural e expressão estética de povos africanos. Assim, o estágio buscou promover uma educação antirracista, crítica e inclusiva, fortalecendo o papel do pedagogo em formação como mediador de saberes, valorizando a diversidade e garantindo a participação significativa de todas as crianças.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como qualitativa, do tipo pesquisa-ação, conceito defendido por Gerhardt e Silveira (2009), por buscar o entendimento profundo das experiências, práticas e significados construídos por um determinado grupo ou contexto, permitindo compreender a realidade escolar. Além disso, o pesquisador participa ativamente dentro do contexto do grupo a ser estudado. Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram:



plano de aula, registros fotográficos, observações participantes e atividades ou matérias produzidas pelas crianças.

O Estágio Supervisionado II foi desenvolvido na Escola Estadual José Guedes do Rego, no município de Pau Dos Ferros, com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, composta por 24 crianças. Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram: plano de aula, registros fotográficos, observações participantes e atividades e/ou matérias produzidas pelas crianças. As atividades foram organizadas em momentos de pré-leitura, leitura, diálogo com perguntas disparadoras, produção escrita, atividades práticas relacionadas às temáticas indígena e afro-brasileira enfatizando a importância de reconhecer diferentes culturas como também valorizá-la.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estágio Supervisionado II foi uma experiência de suma importância para a formação acadêmica proporcionando reflexão, aprendizado e atuação prática pedagógica, corroborando o que afirma Pimenta (2012) ao defender que o estágio não deve ser compreendido como atividade técnica, mas como um processo formativo para o professor possibilitando uma análise crítica sobre sua prática, como também a realidade escolar.

A partir dessa perspectiva, as experiências vivenciadas com a turma do 2º ano evidenciaram que é fundamental iniciar as práticas pedagógicas estabelecendo o diálogo com parte essencial em sala de aula, pois de acordo com Freire (1996), é por meio do diálogo que se constrói uma educação humanizada e comprometida com a transformação social. Sendo assim, o diálogo foi relevante para abordar com as crianças temas tão pouco discutidos em sala de aula, por exemplo, a educação antirracista, a valorização das identidades indígenas e afrobrasileiras e ao reconhecimento da diversidade cultural presente na sociedade.

Nesse contexto, o pedagogo em formação assume papel necessário na mediação dos saberes, sendo responsável por construir práticas que rompam com visões eurocêntricas, reconheçam diferentes ancestralidades e promovam aprendizagens significativas para todos.

A primeira sequência didática teve como foco a valorização da cultura indígena. Dessa forma, iniciou-se com momentos de pré-leitura, nos quais as crianças foram convidadas a compartilhar do que se tratava o livro, por meio das ilustrações e elementos da capa, assim foi construído um diálogo trazendo o seu conhecimento prévio. Após isso, foi apresentado o título da obra como também outros aspectos, logo depois, foi feita a contação de história. Por fim, teve as perguntas disparadoras que foram feitas para construir uma conversa, como

também as crianças fizeram perguntas que despertavam a própria curiosidade, com isso construiu-se o diálogo onde trouxe o cotidiano para sala de aula por meio da cultura indígena.

Na contação da história teve como recurso principal o livro *O Tupi que Você Fala*, de Claudio Fragata, por sua vez trazendo elementos da língua tupi presentes no cotidiano brasileiro. Durante a leitura compartilhada, as crianças demonstraram curiosidade ao descobrir que muitas palavras usadas no dia a dia possuem origem indígena como: pipoca, abacaxi e dentre outras. Em seguida, foram realizadas perguntas disparadoras que estimularam a reflexão sobre palavras de origem tupi, como também foi discutido outros aspectos da cultura indígena. Além disso, foi apresentado um bingo das imagens de origem indígena, onde teria as palavras que seriam sorteadas pelas crianças, tal como faziam a leitura proporcionando associação da palavra com a imagem, mas também a oralidade e a fluência leitora.

A proposta desenvolvida dialoga com uma concepção de educação que reconhece o estudante como sujeito histórico e cultural, em consonância com Freire (1996), ao defender que a aprendizagem se constrói no diálogo e na valorização dos saberes prévios das crianças. Ao explorar a cultura indígena por meio da leitura compartilhada, a atividade aproxima-se do que Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam sobre a importância das interações significativas com a linguagem escrita, uma vez que as crianças formulam hipóteses, perguntaram e relacionaram palavras de origem tupi ao seu cotidiano. Além disso, o trabalho com as palavras e imagens por meio do bingo e das discussões coletivas também encontra fundamento em Magda Soares (2016), que compreende a alfabetização e o letramento como práticas sociais, nas quais a leitura e a escrita ganham sentido quando ligadas à realidade sociocultural dos estudantes. Por sua vez, os estudos de Graves e Graves (1995) reforçam que práticas de pré-leitura e exploração do vocabulário ampliam a compreensão, a motivação e a construção ativa do conhecimento, especialmente quando o professor media experiências que despertam a curiosidade e favorecem a participação das crianças. Assim, a sequência didática revela coerência com uma perspectiva dialógica, sociocultural e crítica de educação.

A segunda sequência didática teve como foco a valorização da matriz africana na formação histórica e cultural do Brasil, por meio de uma atividade interdisciplinar envolvendo História, Geografia e Artes. A partir da leitura do livro *Bruna e a Galinha d'Angola*, discutiu-se com as crianças a ancestralidade africana, os panôs e os símbolos narrativos utilizados por diferentes povos, compreendendo que a escrita pode assumir variadas formas, como imagens, desenhos e grafismos, o que dialoga com Graves e Graves (1995) e Antunes (2024) ao reconhecer o texto em múltiplas linguagens. Após a leitura, foram exibidos slides

com diferentes tecidos africanos, como Kente, Bogolan e Adinkras, permitindo que as crianças analisassem cores, formas e seus significados culturais ligados à vida cotidiana, religiosidade e ancestralidade. Essa aproximação reforça a concepção de Magda Soares (2010), segundo a qual o letramento envolve participação ativa em práticas sociais reais, contextualizadas e culturalmente significativas.

Na etapa prática, cada estudante produziu seu próprio panô em algodão cru, utilizando tintas e carimbos para representar símbolos Adinkras, em um momento de criação colaborativa, participação ativa e valorização das expressões individuais, incluindo alunos público-alvo da educação especial. A proposta está em consonância com a perspectiva vygotskiana de aprendizagem como construção social e com a BNCC (BRASIL, 2017), que orienta o reconhecimento da diversidade cultural brasileira e o compromisso com práticas educativas antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE: Anos Iniciais; Educação Antirracista; Práticas Pedagógicas

CONCLUSÃO

O Estágio Supervisionado II possibilitou vivenciar uma prática pedagógica comprometida com a valorização das matrizes indígenas e afro-brasileiras e com a construção de uma educação antirracista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As experiências realizadas demonstraram que as crianças possuem capacidade de análise, sensibilidade cultural e curiosidade quando lhes são oferecidas propostas educativas contextualizadas, significativas e dialógicas.

O Estágio, portanto, reforçou a importância de um professor reflexivo, pesquisador e socialmente comprometido, capaz de mediar saberes e promover práticas pedagógicas que rompam com o silenciamento histórico e garantam o direito de todas as crianças aprenderem e se reconhecerem na escola. Trata-se de uma experiência formativa que contribuiu para consolidar competências docentes essenciais para o exercício profissional futuro, em consonância com Freire (1996), Vygotsky (1998) e Pimenta (2012), afirmando que ensinar é sempre um ato ético, político e transformador.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAVES, Michael F.; GRAVES, Bonnie B. **The vocabulary book: learning and instruction**. New York: Teachers College Press, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Editora da UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

ANTUNES, Irlandé. **Textualidade. noções básicas e implicações pedagógicas**. Parábola Editorial, 2024.